



## Oscar Wilde e o socialismo

Oscar Wilde and Socialism

Michel Goulart da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste ensaio é analisado o texto ensaio *A alma do homem sob o socialismo*, escrito por Oscar Wilde, em 1891. Procura-se demonstrar a proximidade do socialismo defendido por Wilde com o socialismo utópico desenvolvido no século XIX. O texto se utiliza de bibliografia acerca do tema e de análise das ideias expressas por Wilde.

**Palavras-chave:** Oscar Wilde; Socialismo utópico; Reforma Social.

**Abstract:** This essay analyzes the text of the essay *The soul of man under socialism*, written by Oscar Wilde, in 1891. It seeks to demonstrate the proximity of socialism defended by Wilde with the utopian socialism developed in the nineteenth century. The text uses a bibliography on the subject and an analysis of the ideas expressed by Wilde.

**Keywords:** Oscar Wilde; Utopian socialism; Social Reform.

O socialismo, como utopia de futuro para a humanidade, tem sua relação orgânica com a história do movimento operário europeu, embora tenha exercido pouca influência sobre a intelectualidade no século XIX. Na segunda metade desse século, existiam “fortes movimentos operários que praticamente não envolviam intelectuais e não exerciam sobre eles atração alguma” (HOBSBAWM, 1985, p. 76). Uma explicação para esse fenômeno pode estar no fato de “que em alguns países (como, por exemplo, na Alemanha) não havia muitos intelectuais de esquerda, qualquer que fosse sua tendência, enquanto em outros (como na França) predominavam antigas ideologias de esquerda anteriores ao marxismo” (HOBSBAWM, 2015, p. 43)

Entre os intelectuais que se inclinaram para o socialismo pode ser incluído Oscar Wilde que, em um ensaio publicado em 1891, analisou e defendeu uma forma de

---

<sup>1</sup> Realiza pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Técnico em assuntos educacionais no Instituto Federal Catarinense (IFC). E-mail: michelgsilva@yahoo.com.br.

utopia socialista para a humanidade. Contudo, em Wilde, o socialismo tem características bastante peculiares, próprias do contexto da Inglaterra. O conjunto de ideias defendidas por Wilde mostra-se reformista, na medida em que não aponta como aspecto fundamental a superação da exploração do proletariado por meio da construção de uma sociedade dos trabalhadores, cuja “missão é destruir toda as garantias e segurança da propriedade privada até aqui existentes” (MARX & ENGELS, 2005, p. 50).

Oscar Wilde, escritor de origem irlandesa, se tornou famoso na Europa do final do século XIX pelas várias peças teatrais, como *Uma mulher sem importância* (1893) e *Um marido ideal* (1895). Contudo, sua fama mundial está associada principalmente à publicação do romance *O retrato de Dorian Gray* (1890). Wilde foi um escritor bastante conhecido em sua época, mais pelas polêmicas que sua obra e suas ações provocavam do que necessariamente pelo reconhecimento de suas qualidades literárias. Suas obras marcaram a literatura e fazem com que seu nome permaneça sendo reconhecido ainda hoje. Contudo, há uma parte de sua produção que ainda é pouco conhecida ou mesmo estudada, como artigos e comentários sobre temas polêmicos do seu contexto, além do ensaio *A alma do homem sob o socialismo* (1891).

## **O socialismo**

Embora seja possível encontrar precursores do socialismo em diferentes momentos da história, sua manifestação moderna está associada à organização do proletariado enquanto classe, principalmente a partir do século XVIII. Com a chamada Revolução Industrial, se transformaram não apenas as técnicas de produção, levando à organizada da grande indústria, mas também as formas de organização do trabalho, consolidando-se a burguesia no controle do Estado e colocando para o proletariado a necessidade de lutar de forma autônoma por meio de suas organizações. Engels (2005, p. 29) ressaltava:

A revolução industrial criara uma classe de grandes fabricantes capitalistas, mas criara também outra, muito mais numerosa, de operários fabris, classe que crescia constantemente em número, à medida que a revolução industrial se ia apoderando de um ramo industrial após o outro.

Como desenvolvimento econômico e o avanço de suas organizações, o proletariado paulatinamente deixou de ser uma multidão desorganizada dentro do Terceiro Estado na Revolução Burguesa, se tornando uma classe cada vez mais consciente de sua luta, construindo espaços de representação de seus interesses, como partidos, sindicatos e associações diversas. Observa-se que

a Revolução foi o triunfo do terceiro estado, isto é, da grande massa *ativa* da nação, a cujo cargo corriam a produção e o comércio, sobre os estados até ociosos e privilegiados da sociedade: a nobreza e o clero. Mas logo se viu que o triunfo do terceiro estado não era mais que o triunfo de uma parte muito pequena dele, a conquista do poder político pelo setor mais socialmente privilegiado dessa classe: a burguesia possuidora. Essa burguesia desenvolvia-se rapidamente já no processo de revolução, especulando com as terras confiscadas e logo vendidas da aristocracia e da Igreja, e lesando a nação por meio das verbas destinadas ao exército (ENGELS, 2005, p. 47).

No final do século XIX, quando Wilde escreve suas considerações sobre o socialismo, a Europa passa pelo processo de consolidação de alguns partidos operários junto aos trabalhadores e que, apesar de possuírem diferentes perspectivas teóricas e políticas, reivindicam uma forma genérica de “socialismo”. Esses partidos reuniam desde sua origem setores que se articulavam em torno a programas e reivindicações diferentes e que, posteriormente, foram conhecidos, de um lado, como “revolucionários” e, de outro, como “reformistas”. Os reformistas defendiam que o socialismo deveria “ser construído gradualmente e no interior do sistema capitalista, onde as relações socialistas de produção deveriam evoluir antes da chegada ao poder da socialdemocracia” (SILVA, 2016, p. 75). Para os revolucionários, era necessária a superação do capitalismo por meio de uma revolução dirigida pelos trabalhadores, que criaria outro Estado e daria origem a um governo do proletariado, que iniciaria um profundo processo de transformação das relações de produção da sociedade.

Esses grandes partidos – social-democratas, socialistas ou trabalhistas – dominaram a política operária da época, organizando lutas salariais ou em torno a

direitos específicos (previdência, redução da jornada de trabalho, voto feminino, entre outros) e ganhando um grande espaço na política de seus países. O maior exemplo desse peso político conquistado pelos socialistas é o SPD na Alemanha, principal partido operário da época, hegemônico política e teoricamente a Segunda Internacional, organização internacional que aglutinava partidos de esquerda de vários países. Observa-se que

[...] a social-democracia alemã, com sua poderosa organização que enquadrava a classe operária no plano sindical, político e cultural, constituía um partido diferente dos que existiam em países de democracia parlamentar. Contemporâneos observaram que ela era uma espécie de contrassociedade, uma maneira de viver que penetrava nos hábitos cotidianos do trabalhador, dando sentido e significado à sua vida, de tal modo que seu comportamento e ideias resultavam da integração nessa coletividade, configurando uma espécie de simbiose entre a social-democracia e grande parte dos trabalhadores alemães (LOUREIRO, 2005.p. 36).

Na Grã-Bretanha o cenário era bastante diferente, não havendo uma grande organização socialista que penetrasse no movimento operário. Contudo, havia organizações que se ocupavam de mobilizações em torno a interesses específicos dos operários. O Partido Trabalhista, que viria a ser a principal representação dos trabalhadores britânicos, foi fundado apenas em 1900.

### **O socialismo de Wilde**

Em seu ensaio, Wilde desenvolve de forma detalhada sua compreensão política, apontando a pobreza como principal problema da sociedade, cabendo ao socialismo a tarefa de pôr fim a tal situação. Para ele, não se deveria tentar apenas remediar os horrores advindos da pobreza, como preferiam algumas pessoas praticantes de um “altruísmo doentio”, pois esses remédios não curariam a doença, mas a prolongariam. Nesse sentido, o socialismo, cuja tarefa seria “nos livrar dessa imposição sórdida de viver para outrem”, precisa ter como meta “esforçar-se por reconstruir a sociedade

em bases tais que nela seja impossível a pobreza” (WILDE, 2003, p. 16). Wilde (2003, p. 16-17) afirma que “os piores senhores eram os que se mostravam mais bondosos para com seus escravos, pois assim impediam que o horror do sistema fosse percebido pelos que o sofriam, e compreendido pelos que o contemplavam”. Para ele, igualmente, é “imoral” utilizar-se a propriedade privada como forma de minimizar os males que essa mesma forma de propriedade provoca. Para Wilde (2003, p. 17-8),

com o Socialismo, tudo isso naturalmente será mudado. Não haverá pessoas enfiadas em antros e em trapos imundos, criando filhos doentes e oprimido pela fome, em ambientes insuportáveis e repulsivos ao extremo. A segurança da sociedade não dependerá, como hoje, das condições climáticas. Se cair uma geada, não teremos uma centena de milhares de homens desempregados, vagando pelas ruas em estado repugnante de miséria, implorando esmolas ao próximo, ou apinhando-se às portas de albergues abomináveis para garantir um pedaço de pão e a pousada suja por uma noite. Cada cidadão irá compartilhar da prosperidade e felicidade geral da sociedade; e, se vier uma geada, ninguém será prejudicado.

Wilde entende que o socialismo deve conduzir a um desenvolvimento pleno do Individualismo. Nesse sentido, para Wilde (2003, p. 18),

Socialismo, Comunismo, ou que nome se lhe dê, ao transformar a propriedade privada em bem público, e ao substituir a competição pela cooperação, há de restituir à sociedade sua condição própria de organismo inteiramente sadio, e há de assegurar o bem-estar material de cada um de seus membros.

Segundo Wilde, em função da existência da propriedade privada, muitos têm condições de desenvolver um certo grau de Individualismo ou estão desobrigados da necessidade de trabalhar para sustentar-se. Alguns, inclusive, possuem condições de escolher uma esfera de atividade que de fato lhes dê satisfação. Estes seriam os “verdadeiros homens”, que “fizeram verdadeira sua individualidade”. Por outro lado,

há aqueles que, em função de não possuírem propriedade privada e estarem vivendo à beira da inanição completa, “são compelidos a fazer o trabalho de bestas de carga, a fazer um trabalho totalmente incompatível com sua índole, ao qual são forçados pelo compulsório, absurdo e degradante jugo da privação” (WILDE, 2003, p. 19). Entre os pobres “não há qualquer elegância nas maneiras nem encanto no discurso, civilização, cultura, refinamento nos prazeres, ou alegria de viver” (WILDE, 2003, p. 19). No entanto, é de sua força coletiva que “a Humanidade ganha em prosperidade material”, embora esse ganho seja “apenas o produto material”, não tendo o homem pobre “em si mesmo nenhuma importância” (WILDE, 2003, p. 20).

Frequentemente, segundo Wilde, afirma-se que os pobres são gratos pela caridade que recebem. Para ele, contudo, não são os “melhores” entre os pobres que ficam gratos pela caridade recebida, afinal esses são ingratos, insatisfeitos, desobedientes e rebeldes, tendo toda razão em ser assim. Para Wilde (2003, p. 22), a desobediência é uma “virtude original” do homem, sendo através dela e da rebelião que se faz o progresso, entendendo que “Um homem não deveria estar pronto a mostra-se capaz de viver como um animal mal alimentado. Deveria recusar-se a viver assim, e deveria ou roubar ou viver às expensas do Estado”. Para Wilde, um homem que encarne as características de rebeldia possui uma personalidade plena e verdadeira, mas as desgraças da pobreza são degradantes a tal extremo que paralisam a natureza humana, fazendo com que classe alguma tenha consciência de seu próprio sofrimento. Nesse sentido, cabe a outras classes, os “agitadores”, dar-lhes essa consciência, sendo quase sempre desacreditadas. Mas, para Wilde (2003, p. 24), “sem eles, em nosso estado imperfeito, não haveria nenhum avanço rumo à civilização”.

Para Wilde (2003, p. 39), no socialismo, “como uma consequência natural, o Estado deve abandonar toda ideia de governo”, na medida que todas as formas de governo estão fadadas ao fracasso. Mesmo a democracia, que em algum momento teria despertado grandes esperanças, “significa simplesmente o esmagamento do povo, pelo povo e para o povo” (WILDE, 2003, p. 43). A essa extinção da autoridade do Estado liga-se a extinção da punição, entendida como uma conquista de valor incalculável, na medida que “uma sociedade se embrutece infinitamente mais pelo emprego frequente de punição do que pela ocorrência eventual do crime” (WILDE, 2003, p. 43). Nesses marcos, segundo Wilde (2003, p. 43), ao Estado “cabe ser uma associação voluntária de organizações do trabalho, e ser o produtor e distribuidor dos

bens necessários. O Estado deve fazer o que é útil. O indivíduo deve fazer o que é belo”. Wilde entende que o homem foi feito para algo melhor do que estar imerso na imundície, devendo todo trabalho desse tipo – trabalho não intelectual, monótono, desinteressante, que lide com coisas perigosas e implique condições desagradáveis – ser realizado pelas máquinas.

### **Um socialista utópico**

Partindo dessa rápida síntese da compreensão que Oscar Wilde apresenta de socialismo, percebe-se que o escritor defende uma forma do que ficou conhecido como “socialismo utópico”. Engels (2005, p. 39) afirma:

O socialismo moderno é, em primeiro lugar, por seu conteúdo, fruto do reflexo na inteligência, por um lado dos antagonismos de classe que imperam na moderna sociedade entre possuidores e despossuídos, capitalistas e operários assalariados, e, por outro lado, da anarquia que reina na produção. Pela sua forma teórica, porém, o socialismo a apresentar-se como uma continuação, mais desenvolvida e mais consequente, dos princípios proclamados pelos grandes pensadores franceses do século XVIII. Como toda nova teoria, o socialismo, embora tivesse suas raízes nos fatos materiais econômicos, teve de ligar-se, ao nascer, às ideias existentes.

Diferente de Marx, de Engels e de outros pensadores socialistas, Wilde não realiza uma análise rigorosa do capitalismo nem aponta as contradições estruturais do sistema e os elementos que poderiam levá-lo a seu desabamento e à revolução social. Wilde está mais próximo de socialistas utópicos como Fourier e Owen, que se ocuparam de pensar uma sociedade futura e um mundo menos desigual, apontando problemas que precisam ser resolvidos com emergência e que são tratados não como parte estrutural da sociedade, mas como situações mais imediatas de degradação humana. Embora aponte que a origem dos males da sociedade está na propriedade privada e coloque no horizonte que a solução passa pela socialização das riquezas e da

propriedade, Wilde está preocupado muito mais com uma espécie de evolução do espírito, por meio do desenvolvimento individual.

Para Wilde, o socialismo está a serviço do Individualismo enquanto utopia a ser perseguida pela humanidade. E apenas aqueles que gozam do Individualismo podem perceber isso, na medida que os seres aviltados pela pobreza não têm condições de superar uma visão limitada e imediata do mundo. Portanto, Wilde está mais próximo da ideia kantiana de “esclarecimento”, desenvolvida no contexto das revoluções burguesas, do que do acúmulo teórico e político do movimento operário em torno do socialismo e da revolução.

Não há em Wilde referência a como se chegará ao socialismo, se pela revolução ou pela conquista de reformas graduais, embora fique claro seu entendimento de que isso será conquistado apenas por meio da elevação espiritual da humanidade. Nesse sentido, diferente dos marxismos, para Wilde não será por meio das contradições no mundo do trabalho que o proletariado poderá se levantar, nem pela percepção da desigualdade à qual essa classe está submetida. Será sim pela solidariedade de uma outra classe, que virá em socorro dos “pobres”, encarados não apenas como despossuídos de condições materiais, mas também como espiritualmente pobres. Os “melhores” entre eles, poucos e carregando os limites impostos por sua condição de classe, serão aliados e sem dúvida poderão fazer uma ligação entre esse “subterrâneo” do espírito e os “elevados”.

Oscar Wilde, portanto, embora demonstre uma profunda solidariedade com os “de baixo” e encare de forma positiva o futuro da humanidade, apontando o socialismo como um caminho para resolver os problemas da humanidade, demonstra não romper com a tradição política liberal. Para os utópicos, “o socialismo é a expressão da verdade absoluta, da razão e da justiça, e é bastante revelá-los para, graças à sua virtude, conquistar o mundo” (ENGELS, 2005, p. 56). Com esse socialismo que não rompe que a tradição liberal nem parte da concepção materialista dialética da realidade,

era inevitável que surgisse uma espécie de socialismo eclético e medíocre, como o que, com efeito, continua imperando ainda nas cabeças da maior parte dos operários socialistas da França e da Inglaterra: uma mistura extraordinariamente variegada e cheia de matizes, compostas de desabafos críticos, princípios econômicos

e as imagens sociais do futuro menos discutíveis dos diversos fundadores de seitas (ENGELS, 2005, p. 56).

O socialismo de Wilde não aponta para o desenvolvimento pleno da humanidade, onde se possa colocar fim à exploração do homem pelo homem e se garanta a igualdade de direitos e condições, mas sim a constituição de uma pequena elite que deverá, por meio do desenvolvimento de seu próprio Individualismo, transformar a sociedade e liderar o novo mundo a ser construído. Não por acaso, logo no início de seu texto, Wilde faz menção a Platão, cuja “utopia” apontava para o governo do “rei filósofo”, mostrando, assim, a distância entre o socialismo defendido pelo escritor irlandês, preso à tradição liberal da burguesia, e aquele que se tornou a principal manifestação ideológica do proletariado nos últimos séculos, que aponta para uma efetiva ruptura em relação ao capitalismo.

## Referências

- ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Centauro, 2005.
- HOBBSAWM, Eric. A cultura europeia e o marxismo entre o século XIX e o século XX. In: HOBBSAWM, Eric (Org.). **História do marxismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, v. 2.
- HOBBSAWM, Eric. **Revolucionários**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- LOUREIRO, Isabel. **A revolução alemã**. São Paulo: UNESP, 2005.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- SILVA, Michel Goulart da. **Entre a foice e o compasso: imprensa, socialismo e maçonaria na trajetória de Everardo Dias na primeira república**. 2016. 211 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016.
- WILDE, Oscar. **A alma do homem sob o socialismo**. Porto Alegre: L&PM, 2003.